

Os olhares e as contribuições do estagiário do Curso de Psicologia sobre o processo da inclusão na educação infantil

Rochele Karine Marques Garibaldi

Escola de Educação Básica (ESEBA/UFU)

rochele.garibaldi@ufu.br

Loren Cristina Costa Santos

Curso de Psicologia/UFU

loren.cristina@outlook.com

Resumo

O presente trabalho se configura em um relato de experiência elaborado por uma estudante do Curso de Psicologia e por uma docente da educação infantil, e trata sobre a execução de um projeto de ensino realizado em uma escola pública em parceria com a Pró-Reitoria de Graduação da Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Destacamos no decorrer do texto, as percepções, as reflexões e considerações dos estagiários da Psicologia sobre o processo da inclusão no cotidiano escolar da educação infantil, as quais se fizeram por meio da perspectiva histórico-cultural, possibilitando tanto estudos teóricos como a proposição de ações à realidade vivenciada, através da parceria entre o professor e estagiário. Para tanto discutimos sobre as seguintes concepções: inclusão, educação infantil e socialização. Contudo, espera-se que as experiências relatadas venham contribuir tanto à formação do aluno da Graduação em Psicologia como às reflexões e práticas pedagógicas de profissionais que atuam na educação infantil, buscando propor novas reflexões e contribuições sobre o processo de inclusão pelas diferenças.

Palavras-chave: Inclusão, Educação Infantil, Psicologia.

Eixo Temático 2: Práticas pedagógicas e psicopedagógicas na perspectiva da diferença humana

Introdução

A perspectiva da inclusão pressupõe o reconhecimento das diferenças como enriquecimento educativo e social, e não se trata apenas do acesso a salas e escolas regulares, mas sim da permanência com qualidade de todos, a partir da articulação de ações que visam a acessibilidade, a interação participativa, o projeto político-pedagógico, a criação de redes e de parcerias, a formação de professores e o atendimento educacional especializado. Mas o que pode ser entendido como uma solução e um avanço ao processo educacional, pode também vir carregado de desafios ao cotidiano escolar.

Nesse sentido, ao considerar que a educação infantil é a base para a efetivação da perspectiva de educação inclusiva, entendemos que é nessa fase que haverá uma estimulação necessária ao desenvolvimento das capacidades e habilidades das crianças. Dessa forma, podemos refletir que quando falamos em inclusão escolar, não estamos nos referindo apenas a presença das crianças com deficiência, mas sim de diferentes crianças; e que conceber os pressupostos inclusivos às práticas existentes hoje na educação, tem se mostrado um desafio para vários segmentos: a família, a escola, educadores, serviços de saúde, etc.

A fim de refletir sobre tal processo, é que buscamos, através de um Programa de Bolsas de Graduação, realizar em duas turmas do 2º período da educação infantil de uma escola pública federal de Uberlândia, o Projeto “O estagiário e a inclusão educacional: percepções e considerações acerca do cotidiano escolar infantil” com a participação de duas bolsistas do curso de Psicologia e aqui propusemos a relatar as experiências advindas da concretização desse Projeto.

Contribuições teóricas da Psicologia às reflexões sobre a inclusão na educação infantil

A educação infantil é um ambiente cheio de possibilidades de trabalho para diversos profissionais, na qual o lúdico e o brincar são inerentes ao processo de ensino-aprendizagem, entendendo que cada criança possui uma maneira peculiar de se comunicar, pensar, gostar, agir, aprender e ensinar.

Nesse sentido, a Psicologia pode atuar como agente de intervenções ao cotidiano e às demandas das crianças ou oriundas das relações com os colegas, professores ou familiares. Como exemplos de ações de um Psicólogo escolar nessa etapa de ensino, podemos elencar: o apoio ao professor no atendimento aos pais; o auxílio na adaptação de novos alunos e na transição da educação infantil para o ensino fundamental com o objetivo de desconstruir alguns possíveis mitos ou medos presentes; o apoio ao processo de ensino-aprendizagem de crianças com alguma necessidade educacional especial; e ao processo de socialização e inclusão de alunos considerados público da educação especial. (ZENDRON et al., 2013).

Em relação ao processo da inclusão, a Psicologia escolar age como agente de mudanças, mediador de reflexões e conscientizador dos papéis dos vários grupos que compõem a instituição. Ela deve refletir com o professor a importância de suas relações com os alunos, estes em suas diferentes necessidades e possibilidades, bem como mostrar-lhes que as suas atitudes, relações, afetos e comportamentos podem dinamizar ou dificultar o processo da aprendizagem dos mesmos.

As reflexões devem ser feitas com todos os grupos que compõem a escola principalmente entre aluno/aluno, professor/aluno, família/aluno e família/professor. Entender as diferenças, os limites, o lugar do outro são questões fundamentais que a Psicologia Escolar deve refletir com os estudantes, bem como aprimorar os pontos positivos da escola e promover espaços de escuta, debate e diálogo entre educadores e família de forma mediada. Para além disso, o psicólogo escolar pode contribuir com a escuta clínica e na ampliação de possibilidades na resolução de conflitos (ARAÚJO & ALMEIDA, 2006 Apud FERREIRA et al., 2009).

Caracterizada como uma das etapas do movimento educacional, a inclusão passa por caminhos como a supressão da pessoa com deficiência (exclusão), aceitação de sua existência, mas ainda separando quem tinha alguma deficiência de quem não tinha (segregação), a presença do aluno na escola, mas sendo ele o responsável por se adaptar à sala comum ou estar separado em classes especiais de acordo com o grau da deficiência (integração) e, por último, a modificação do sistema educacional para a recepção deste aluno.

Sendo assim temos que a inclusão surge no movimento educacional, posteriormente à integração, como uma maneira de inserir as pessoas com deficiência em escolas regulares estabelecendo que a instituição e os sistemas organizacionais de ensino se preparem de maneira sistemática, total e incondicional para receber todo e qualquer aluno, seja ela com deficiência ou não. Diferentemente, a integração escolar constitui a ideia de inserção parcial do aluno com deficiência, condicionada às possibilidades de adaptação individual do aluno ao ambiente escolar (DECHICHI, 2011).

Nesse percurso, consideramos importante às nossas reflexões sobre a Psicologia e o processo da inclusão, realizar uma breve discussão sobre os conceitos da socialização, cooperação e socioconstrutivismo, que se fazem coerentes às nossas discussões.

Autores como Corsaro (1977) e Thin (2006, apud Müller, 2008) consideram que a socialização das crianças é resultado das relações sociais de modo geral como no ambiente familiar e escolar, condições de existência, história individual e grupal. Até meados dos anos 1950, a socialização de crianças e adolescentes era concebida como estratégia de treinamento que assegurassem a internalização de regras e normas. De certa forma, uma maneira de integrar as crianças à sociedade como seres passivos e a infância como uma fase passageira e sem importância do desenvolvimento à espera da fase adulta. Esta ideia corroborou para a construção científica da irracionalidade, da natureza e da universalidade da infância (MÜLLER, 2008).

Na busca pela reconstrução deste conceito, Corsaro (1977) nos leva a entender que a socialização não se trata apenas da internalização e adaptação, mas de apropriação e reinvenção, nos levando à socialização reprodutiva-interpretativa. Por reprodução, o autor afirma que “as crianças são constringidas pela estrutura social que impõe a internalização das regras sociais, contudo, contribuem ativamente para a produção e mudança social.” (p.18). Quanto a interpretativa, a criança retém aspectos inovadores e criativos enquanto convive em sociedade. Desta maneira, por reprodução interpretativa entende-se que a criança que auxilia na preservação e transformação da sociedade, destacando a importância do coletivo para as crianças através de ações como negociações, compartilhamento e vivências de outras culturas com outras crianças e adultos.

Já a cooperação é descrita por Frantz (2001, p.242) como “atuações sociais baseadas em relações associativas em que um grupo de pessoas procura soluções para seus problemas ou objetivos comuns através de ações em conjunto em busca do mesmo objetivo”.

Então, entendemos que, numa sala da educação infantil, na qual se busca contribuir ao processo da inclusão, devem ser objetivos do professor, promover tanto a socialização como a cooperação entre as crianças, a partir de ações colaborativas, solidárias e de acolhimento das diferenças, a fim de contribuir com a formação de sujeitos que promovam as mudanças na sociedade em prol de interesses coletivos, e não apenas individuais.

Continuando nossas reflexões, temos a teoria Histórico-Cultural ou socioconstrutivista, a qual tem como base os estudos que o psicólogo Lev Semenovitch Vygotsky (1896- 1934) desenvolveu sobre a mediação social no desenvolvimento das funções psicológicas superiores. Se baseia na ideia de que o funcionamento psicológico se origina nas relações e interações do indivíduo com o mundo que o cerca e aprende a partir de suas experiências mediadas por sistemas simbólicos, além de acreditar que o homem também se constitui por funções psicológicas que se formam por atividades cerebrais.

A aprendizagem, portanto, seria produto da adaptação e interação entre natureza social, histórico e cultural. A principal contribuição desta teoria para a educação é se propor a discutir sobre o ser humano, quem é, como se desenvolve, como aprende e como se humaniza (MELLO, 2015).

Na educação infantil esta ideia se concretiza em buscar como a criança aprende, desenvolve a fala, organiza seu pensamento, estrutura seu psiquismo, controla desejos e impulsos, desenvolve aptidões e capacidade memória, aprende regras e costumes. Segundo Dusavitskii (2003, apud Mello 2015) a formação e o desenvolvimento das funções psíquicas

superiores são um dos principais desafios da psicologia infantil, sendo imprescindível para se trabalhar na educação infantil, principalmente o pensar e o agir.

Nesse sentido, pautado nas teorias de Vygotsky, o presente projeto rompe com a ideia de “quem sabe ensina para os que não sabem”, a caminha para o movimento de autonomia das crianças, acolhendo o não saber como possibilidade de aprender, de vir a saber. Indo ao encontro com os objetivos do processo da inclusão, foi desenvolvido um trabalho que contextualizasse os conhecimentos ao lúdico e à realidade das crianças, considerando as diferentes necessidades que surgem em sala de aula, para que todos venham a ter suas capacidades e habilidades não somente respeitadas, mas valorizadas e potencializadas.

A concretização do Projeto

O projeto “O estagiário e a inclusão educacional: percepções e considerações acerca do cotidiano escolar infantil”, teve duração de 10 meses, sendo realizado de setembro de 2016 a junho de 2017. A instituição onde desenvolveu-se o presente projeto, tem seu trabalho pautado o na abordagem do socioconstrutivismo, acreditando que o processo de desenvolvimento e aprendizagem do aluno é otimizado na presença de um facilitador que auxilie o aluno, conjuntamente com as experiências de vida dele e convivência com os colegas, condizente à abordagem sociointeracionista. Nesse caso, a escola atua como promotor do desenvolvimento, e o professor como observador, planejador, promotor e desafiador do desenvolvimento dos alunos (BOIKO & ZAMBERLAN, 2001).

Como objetivos gerais do projeto, tivemos:

- a) Compreender o contexto histórico, cultural, político, social da educação inclusiva no cotidiano da educação infantil, a partir da prática investigativa, reflexão e fundamentação teórica.
- b) Contribuir com a formação acadêmica dos (as) alunos (as) bolsistas junto à práxis educativa.

Para tanto, elencamos como objetivos específicos:

- a) Buscar embasamento legal, teórico e crítico que fundamentam a educação inclusiva.
- b) Permitir às alunas bolsistas o contato com situações concretas na educação infantil, mediado pela investigação e contribuições teóricas.
- c) Sistematizar novos conhecimentos às práticas relacionadas à inclusão na educação infantil.

- d) Planejar e desenvolver junto aos (às) bolsistas ações de intervenção, contribuindo ao acolhimento das diferentes necessidades dos alunos, e à formação de hábitos coletivos nas crianças.
- e) Conhecer e registrar sobre a participação e o envolvimento das famílias, do professor, das crianças, do próprio estagiário e de outros possíveis profissionais no processo educacional com vistas à inclusão escolar.
- f) Avaliar o resultado do trabalho desenvolvido e replanejar ações.
- g) Oportunizar aos (às) bolsistas iniciativas de desenvolver trabalhos científicos e atividades de pesquisa.

Em suma, buscou-se refletir sobre a inclusão de alunos com e sem deficiência na sala de aula da educação infantil em todas as suas diferentes necessidades, por meio tanto de ações práticas, como da pesquisa teórica que analisou o contexto histórico e legal sobre a educação inclusiva, com o objetivo de observar, analisar e contribuir sobre o processo da inclusão educacional à luz dos diferentes olhares: criança, família, escola, educador. E além disso, contribuir com as formações dos bolsistas e ao mesmo tempo desenvolver atividades que pudessem agregar conhecimento também para as crianças, para a professora e para a escola. Sobre isso, Melo (2008, p. 102) colabora:

[...] os projetos de trabalho configuram uma proposta enriquecedora dos processos formativos, pois, referem-se à ideia de que ao partir de uma situação problema, é possível proporcionar experiências de aprendizagens que estejam vinculadas ao mundo externo à escola, além de buscar novos conhecimentos e estabelecer relações com as aprendizagens que já possui.

É a partir dessa concepção que elencamos a importância dos projetos no processo de formação do estagiário, que são os alunos em formação, para que possam articular seus conhecimentos com os conhecimentos que irão produzir historicamente dentro do contexto da educação infantil através da execução do presente projeto, ampliando dessa forma suas habilidades em refletir, compreender, problematizar e sistematizar sobre a inclusão escolar considerando a organização do trabalho pedagógico na educação infantil.

Além disso, acreditamos que essa parceria evidencia o enriquecimento teórico e prático das investigações propostas no projeto, na medida em que é proporcionado aos estagiários bolsistas “o exercício da pesquisa, uma vez que aguça o olhar investigativo e a busca de soluções para os problemas que emergem do contexto escolar, a partir do contato direto com essa realidade” (Melo, 2008, p. 110).

As reflexões dos estagiários sobre a proposta de educação inclusiva na dinâmica da sala de aula da educação infantil a partir deste Projeto partiram do caráter teórico, mas buscou evidenciar as práticas cotidianas com vistas a contribuir com a realidade das crianças e com os demais participantes em seu processo educacional.

Durante o período de vigência deste estudo, as estagiárias, já inseridas na sala de aula com as crianças, iniciaram com atividade de observação do comportamento delas. No decorrer do projeto, acompanharam as crianças em seus afazeres diários como tarefas, brincadeiras, hora do lanche e conversas, além de planejar atividades e brincadeiras, produzir jogos pedagógicos, participar de reuniões para discussão dos casos e reuniões com pais dos alunos.

Foram então pensadas ações que pudessem integrar a realidade das crianças com o ambiente da escola tais como brincadeiras que trabalhassem a cooperação entre elas, o respeito ao próximo e a união da família ao ambiente escolar, bem como seus interesses em participar da aprendizagem do filho. Apresentamos abaixo tais ações, dividindo-as em dois grupos, a partir dos objetivos propostos no Projeto, sendo elas: atividades previstas e desenvolvidas e atividades não previstas e desenvolvidas.

1. Atividades Previstas e Desenvolvidas:

Durante todo o projeto:

- Contato, observação e registro do comportamento dos grupos e reflexões sobre os mesmos.
- Pesquisas bibliográficas, seguidas de anotações e fichamentos acerca do tema inclusão, que contribuíram com o embasamento teórico necessário para o desenvolvimento do projeto.
- Auxílio às atividades propostas em sala de aula, bem como mediar relações entre os alunos quando necessário.

De setembro de 2016 a fevereiro de 2017 (Turma “A”):

- Brincadeiras com as crianças que permitiram o trabalho de intervenção. Destacando “brincadeira do caranguejo”, que se mostrou muito interessante por possibilitar a interação de grupos que quase não trabalhavam juntos. Nos permitiu identificar a dificuldade de algumas crianças em trabalhar com

crianças do outro gênero, o medo do julgamento dos colegas e o desvio do restante do grupo a ponto de pedir para brincar com uma das monitoras. Na brincadeira “Abraço musical”, notamos a dificuldade das crianças de trabalhar em grupos com mais de três pessoas. Essas duas brincadeiras nos permitiram refletir sobre mais ações que podem ser feitas com o grupo.

- Registro das crianças que sinalizaram a necessidade de mais apoio nas atividades de registro escrito e nos jogos pedagógicos.
- Participação do acompanhamento de atividades referentes ao projeto de sala “Leões”.
- Ensaio da coreografia “Rei da floresta”.
- Auxílio na confecção das fantasias, num trabalho realizado em grupos.
- Proposta “duplinhas”: o intuito dessa ação foi fortalecer o vínculo afetivo, social e o sentimento de cooperação entre as crianças, de maneira que elas possam se cuidarem e cooperarem umas com as outras nos diferentes momentos da rotina da sala.
- Organização e apoio na palestra “O fortalecimento da comunicação através das interações”, realizada pela psicóloga Flaviana Franco Naves para as famílias.

De março a junho de 2017 (Turma B):

- Organização dos materiais e da sala para recepção das crianças no período letivo 2017/1.
- Auxílio no processo de adaptação das crianças do 1º período.
- Recepção das crianças do 2º período e registro acerca das percepções sobre o novo grupo de crianças. Foi possível observar que na turma havia 10 meninas e 5 meninos, o que por vezes interferiu na dinâmica da sala e intervenções com as crianças que possuíam resistência frente às crianças de sexo oposto.
- Monitoramento de uma criança que permaneceu no 2º período e auxílio na socialização da mesma com a nova turma.
- Observação e atividades mais focadas para esta aluna.
- Produção de materiais didáticos para atividade de sala.

- Jogo das emoções: trata-se de um jogo de percurso com várias frases e perguntas que levam às crianças se expressarem sobre seus sentimentos enquanto brincam. Criado com base no filme “Divertidamente”, o jogo além de desenvolver os aspectos afetivos e emocionais, o jogo das emoções permite às crianças: o desenvolvimento das suas habilidades motoras, cognitivas, visuais, atenção, memória, criatividade e expressão corporal e oral.

2. Atividades não previstas e desenvolvidas:

- Sugestões para o “Caderno de sugestões de atividades e brincadeiras” a ser realizado com uma aluna. O Caderno foi concebido como uma estratégia de apoio ao desenvolvimento da criança, e é enviado para casa com propostas semanais, contextualizadas com os conteúdos ou objetivos que estão sendo trabalhados naquele espaço e tempo escolar.
- Ensino da brincadeira “gato-mia” e utilização desta para inclusão de uma aluna de outra turma com síndrome de Down.
- Colagem dos desenhos das crianças para enfeitar o caderno de anotações.
- Momento de despedida: explanação oral de uma Carta de agradecimento às crianças e outra Carta de agradecimento à professora orientadora e aos demais profissionais da escola; realização de um piquenique com a turma.

Considerações Finais

Os estudos realizados a partir de um Projeto desenvolvido em uma instituição pública federal de Uberlândia, utilizando-se de conceitos da Psicologia Histórico-Cultural, possibilitaram verificar como podem ser distintos e produtores os trabalhos do estudante de Psicologia, tanto quando este fica presente continuamente em uma mesma turma, como quando realiza atividades em turmas diferentes.

Na primeira situação, o estagiário estabelece vínculo com as crianças e, por meio disso, é capaz de caminhar na história de vida das crianças e, a partir dos comportamentos delas, entender com mais clareza como e porque ocorrem, e assim realizar observações e

intervenções de maneira formativa. Por outro lado, quando o estagiário atua em diversas turmas, ele pode ampliar o vínculo com mais alunos, porém de maneira não tão processual.

Às alunas bolsistas, o projeto possibilitou a rica experiência a partir do contato com os pequenos e na percepção de que eles aprendem com todo o contexto ao redor seja com os colegas, com os professores ou estagiários e todos os outros profissionais da escola, assim como pelos os familiares e outros conhecidos.

A contribuição gerada por esta experiência vai além de qualquer certificação que possa advir dela. O projeto contribuiu ricamente para o conhecimento acadêmico do aluno em formação e salientou olhares antes não percebidos durante o estudo teórico. Na prática, foi realmente possível notar como as crianças se constituem como sujeitos participativos, como se expressam, como pensam, como se socializam, como aprendem e como podem modificar a sociedade em que vivem.

E ao professor orientador, realizar projetos como este, amplia suas experiências em poder contribuir à formação de graduandos e em refletir e avaliar sobre sua própria prática, a partir dos olhares e das reflexões advindas dessas participações, além do apoio contínuo e ativo que tem no trato com as crianças.

Destacamos que o projeto não se mostra pronto e acabado, ainda que a maioria dos objetivos fossem alcançados. Visualizamos que é um projeto que pode ser ampliado e ter continuidade em outros anos, e na própria formação das alunas bolsistas, as quais podem se aprofundar mais sobre a atuação do psicólogo escolar na parceria com o professor numa sala de aula da educação infantil e no processo da inclusão. E também o professor tem a possibilidade de realizar esse trabalho em turmas diferentes, buscando contribuir na formação de outros bolsistas.

Referências

BOIKO, V.; ZAMBERLAN, M. A perspectiva sócio-construtivista na psicologia e na educação: o brincar na pré-escola. **Psicologia em Estudo**, v. 6, n. 1, p. 51-58, 2001.

CORSARO, William. **The Sociology of Childhood**. California: Pine Forge Press, 1997.

DE MORAIS VIEIRA, R. C. A construção social da infância: Uma abordagem histórica e sociológica, 2014.

DECHICHI, C. Curso básico: Educação Especial e Atendimento Educacional Especializado. Unidade II: Princípios e fundamentos da Educação Especial, 2011.

FERREIRA, J. M., SOUZA, C. S. D., SILVA, R. M. R., & DECHICHI, C. Arte, Formação de Professores e Inclusão Escolar: Possibilidades de atuação do psicólogo em contextos educacionais. **Cadernos de Psicopedagogia**, 7(13), 25-41, 2009.

FRANTZ, W. Educação e cooperação: práticas que se relacionam. **Sociologias**, n. 6, 2001.

MACHADO, A. M.; ALMEIDA, I.; SARAIVA, L. F. de O. Rupturas necessárias para uma prática inclusiva. **Educação inclusiva**, p. 21-35, 2009.

MELO, G. F. Estágio na formação inicial de professores: aguçando o olhar, desenvolvendo a escuta sensível. In: SILVA, L. C. da, MIRANDA, M. I. (Org). **Estágio supervisionado e as práticas do ensino: desafios e possibilidades**. Araraquara, SP: Junqueira&Marin: Belo Horizonte, MG: FAPEMIG, 2008. p.85-113.

MELLO, S. A. Contribuições da Psicologia Histórico-cultural para a educação da pequena infância. **Cadernos de Educação**, n. 50, p. 01-12, 2015.

MÜLLER, F. Socialização na escola: transições, aprendizagem e amizade na visão das crianças. **Educar em Revista**, n. 32, 2008.

ZANELLA, A.V. Imaginar e criar como dispositivos de resistência e afirmação da vida. In: 30º Congresso Interamericano de Psicologia, 2005, Buenos Aires. **Anales del 30º Congreso Interamericano de Psicologia**, 2005.

ZENDRON, A. B. F., KRAVCHYCHYN, H., FORTKAMP, E. H. T., & VIEIRA, M. L. (2013). Psicologia e educação infantil: Possibilidades de intervenção do psicólogo escolar. *Barbarói*, n. 39, p.108.